

III. RELECTURAS

O Peregrino da América

Quem inaugurou o gênero narrativo de cunho literário no Brasil foi Nuno Marques Pereira (1652-1733), com *O peregrino da América* (1728)*, que Afrânio Peixoto chama, no prefácio à edição da Academia, a “primeira novela brasileira, livro de costumes e de edificação”. Que a obra pertence ao gênero da literatura narrativa, de ficção de costumes, não há dúvida. É o primeiro livro de narração imaginativa. Escrito em prosa, inclui numerosos textos em verso.

Que é obra, comum na época, de edificação moral e misticismo, de apologética religiosa, também há que concordar-se. Evidentemente, porém, não se enquadra no conceito atual de romance ou novela.

O livro, “densíssimo de páginas e conteúdo”, ainda é Afrânio Peixoto quem o caracteriza, situa-se na faixa de tempo em que procura tomar rumo moderno a narrativa de imaginação: do século XVII para o XVIII. Nele misturam-se descrições, narrações, diálogos, simbolismos, pregações, “discursos espirituais e morais, com muitas advertências, e documentos contra os abusos, que se acham introduzidos pela malícia diabólica no Estado do Brasil”, como diz o autor no prefácio do livro que chama *Compêndio Narrativo*. A intenção é clara: mediante “documentos”, ou fatos testemunhados ou narrados ao longo de uma viagem por terras do

* Pouco se conhece a respeito da vida do autor.

Compêndio Narrativo do Peregrino da América. Em que se tratam vários discursos espirituais, e morais, com muitas advertências e documentos contra os abusos, que se acham introduzidos pela malícia diabólica no Estado do Brasil.

A 1ª edição é de Lisboa, 1728. Houve edições de 1731, 1752, 1760, 1765. A 6ª edição, completada com a 2ª parte, até então inédita, foi publicada pela Academia Brasileira de Letras, em 1939, em dois volumes. É preciosa. Traz estudos e notas de Varnhagem, Leite de Vasconcelos, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, com reprodução facsimilares.

Recôncavo baiano, pretende tirar “exemplos proveitosos”, para empregar a expressão de Cervantes no prefácio das *Novelas ejemplares*, que se prestem à doutrinação com vistas a edificar e corrigir os maus costumes dos habitantes do Brasil, ou “pecadores”. O Peregrino vai encontrando ao longo do caminho, diversas pessoas (imaginárias) que procura doutrinar, censurando os costumes da vida real, criticando os hábitos da sociedade, verberando o clero (I, 337), misturando cenas da realidade com ficção, indicando as punições para atos reprováveis, sempre expondo “matérias espirituais” ou “matérias de muita moralidade”.

Vede agora quanto maior razão tenho para trazer-te as moralidades, e humanidades, com que te pretendo lisonjear o gosto neste livro que te ofereço, para debaixo delas te dizer e mostrar sólidas virtudes, com relações muito exemplares (II, 4-5)
Desejo só agradar e servir a Deus (II, 279).

A idéia inicial é a da peregrinação, isto é, a de que o homem não mora na Terra, está apenas em peregrinação para o céu, sua verdadeira morada: “Todos somos peregrinos neste mundo: e de que devemos obrar com acerto, para chegarmos à nossa pátria, que é o Céu” (resumo do cap. I, vol 1, p. 19). Idéia católica, e barroca por excelência. Esta viagem ou peregrinação constituiu tema extremamente comum na literatura cristã da época, o que se pode verificar pelo grande número de obras que levam o título de “peregrinação”. Na literatura portuguesa, a mais famosa é a de Fernão Mendes Pinto (1510-1583), a *Peregrinação* (1614). Prolongam também, adquirindo o matiz barroco, a voga renascentista das viagens a regiões utópicas, tais como a *Nova Atlântida* e *Utopia*.

Teria Nuno Marques Pereira lido *The Pilgrim's Progress* (1678 e 1684) de John Bunyan (1628-1688)? A pergunta impõe-se em face da semelhança das obras e da irradiação que teve a do inglês, que no final do século já circulava na Europa traduzida em diversos idiomas. Extremamente culto, com vasto cabedal de leituras em que se destacam as dos clássicos greco-latinos, do Novo e Antigo Testamentos, dos livros cristãos e barrocos dos castelhanos e portugueses, proporcionadas pela sua educação jesuítica, não é de estranhar que lhe fosse dado conhecer aquele livro, não por certo, no original, porém através de alguma das línguas que lhe eram familiares. O fato é que o A., como afirma Pedro Calmon, é “um dos escritores mais dextros e cultos do Brasil colonial” (I, 415).

A obra é uma alegoria moralizante, cuja preocupação central é a “condução” da gente comum, média, humilde, nos seus problemas de vida cotidiana. Centenas de estórias, dentro da estória, ou exemplos, sob forma parabólica, estruturados na narrativa e encadeados tematicamente, servem de modelos, para que o angustiado peregrino incuta a “verdadeira” doutrina no espírito dos “pecadores”, conduzindo-os à morada celestial, definitiva.

E o próprio A. quem define o mundo: é estrada de Peregrinos e não lugar de habitação de moradores, porque a verdadeira pátria é o céu (I, 21).

A obra consta de duas partes, a segunda das quais só publicada na 6a. edição, da Academia Brasileira de Letras (1939); a primeira encerra 28 capítulos e a segunda, 22. Os capítulos obedecem, em geral, à mesma estrutura: começam com uma descrição de cenário exterior, sobretudo paisagens, e entram no diálogo.

Os personagens e locais são alegóricos: o Peregrino, o Ancião, o Atrativo, o Morador, a Diligência, a Prontidão, a Mestra da Solfa, a Mestra da Filosofia, o Presidente da Saúde, a Moça, o Religioso, o Desengano, a Dona Verdade, o Mestre, o Discípulo, o Templo da Enfermidade, a Casa da Santa Doutrina, a Torre Intelectual, o Palácio da Saúde, o Território dos Deleites, a Casa das Artes e Ciências.

E idêntico o tratamento no livro de Bunyan: o Palácio Beleza, as Montanhas de Deleite, dos quais se pode avistar o Céu, como o próprio lugar do futuro, a Cidade Celestial.

A peregrinação é pontilhada de obstáculos, montes e vales escuros cheios de animais e homens perigosos, e, ao lado disso, sítios agradáveis da natureza, sombras frescas, rios de águas cristalinas e locais míticos e utópicos, que o A. descreve à maneira barroca.

A unidade da narração, como diz um crítico a respeito da obra de Bunyan, é criada nos dois livros, em torno da figura do seu simbólico herói. Por outro lado, tal como em *The Pilgrim's Progress*, a narrativa e o diálogo se juntam muito naturalmente, embora no brasileiro a dialogação tenha uma marcação assaz rudimentar. O autor apresenta os diálogos sem qualquer variedade tornando-os fastidiosos pela uniformidade, sem embargo de manejar vários interlocutores.

Quanto ao estilo, é a prosa barroca a sua tônica. O período barroco brasileiro prolonga-se muito além dos limites médios do europeu, até mesmo no século XIX. O nosso autor não foge ao cultismo, ao sentencionismo, ao conceptismo, ao rebuscamento, à linguagem ricamente ornamentada de adjetivação e figuras típicas do barroco, ao metaforismo, ao uso de rifões, provérbios, sentenças morais, muito embora, como aconteceu com Vieira, declarando-se contrário às "palavras ociosas a que chaman cultura", condenando o estilo de pregação da época (II, 192). Mas confessa-se favorável ao uso do "gênero de escrever parabólico", ao exemplo do próprio Cristo, e de toda a sorte de "acepipes e viandas" ou "várias saladas para mais agrado e gosto do paladar", e "para convencer ao gosto dos tediosos de lerem, e ouvirem ler os livros espirituais". E que "isto que sucede nos banquetes do corpo, vos quis praticar neste banquete da alma". Aqui está exemplo característico:

Já a este tempo, que seriam quatro horas da tarde, em que o sol ia declinando seu apressado curso, a sepultar-se no horizonte, sem temer as ardentes frâguas dos robicundos rubis e flamantes granadas; para depois aparecer no seguinte dia, qual renascido Fênix, feito infante nos braços da bela Aurora, com luzentes, resplandores de

seus brilhantes raios (II, 95). Ver também o soneto do vol. II, p. 150; em uma descrição barroca típica em I, 274; o metaforismo, em I, 300; o sentencionismo, em I, 241. Em I, 83, refere-se aos informantes como as "pessoas de quem tomou os roteiros vocais".

O caráter barroco de *O peregrino da América* revela-se ainda no seu propósito didático e retórico. Seu autor escreve para agir, segundo a norma horaciana, dominante na época, associada ao aristotelismo. O que lhe importa, no seu fervor religioso e místico, é ensinar segundo "a santa doutrina do Sagrado Evangelho". Seu livro é um "Compêndio" e não uma obra puramente literária. Condena, ainda de acordo com o preceito mais rigoroso da época (e também aqui se aproxima do puritanismo de Bunyan), as leituras de novelas, comédias, Góngora, Quevedo, *El Criticón* e outros, livros que "ensinam a falar para pecar; e este, e outros espirituais ensinam a obrar, para salvar".

Vê-se, portanto, que a intenção é a batalha pela fé, inspirada na Contra-Reforma. O caráter narrativo é o *docere cum delectare* horaciano. As estórias são exemplos que proporcionam oportunidades para a doutrinação.

Encarando a obra, segundo a boa norma crítica, com os olhos da época e não com os atuais, não é difícil reconhecer-lhe vigor, dotes de bom raciocínio e dialética, capacidade de observação, adequabilidade ao objetivo, espírito realista. Digno de nota, outrossim, é o seu pendor satírico, tão do gosto barroco, haja vista a descrição da cena de rua na cidade da Bahia (cap. XXVI, vol. I), com as figuras dos Mercadores, Meirinhos, Escrivães e Tabeliães, Doutores em Leis, Sargentos de Infantaria, Poeta, Médico.

Que significado tem esta obra, dentro naturalmente do contexto do tempo? Pela viagem ou peregrinação, coloca-se no clima do barroco, pois a viagem é um de seus temas favoritos. Como acentua Joaquín Casaldüero,

en el gótico el viaje conduce siempre al hombre hacia Dios; no en el barroco, donde el hombre permanece constantemente preocupado con el mundo, y sólo al descubrir la nada de éste, piensa en Dios. Lo que acentúa el barroco no es la idea de Dios, la presencia de Dios, sino la necesidad de Dios; porque, dolorosamente, descubre que el mundo, la realidad, la materia, los sentidos, no pueden sostenerse por sí solos.

O homem barroco é um desenganado, "que oculta con orgullo y vergüenza sus dudas, su desilusión. Su drama".

Nuno Marques Pereira, filho da igreja jesuítica da Contra-Reforma, que, como afirma ainda Casaldüero, procura unir Deus e o Mundo, esconde suas prováveis dúvidas sob a capa do moralista, afirmativo e realista corretor de costumes. Não se lhe sente o patos barroco, muito embora se valha de toda a armadura barroca para, em nome de uma pureza impossível, condenar o Mundo, do qual não pode desligar-se, em virtude de sua própria condição jesuítico-barroca.

Assim, *O peregrino da América*, narrativa alegórica e cristã, é uma obra em que seu autor se debate num dilema insuperável: a volta a Deus de um homem incapaz de negar seu apego ao Mundo e à Carne. O drama barroco.

Por fim, não escapa à apreciação o caráter de brasilidade do livro. O barroquismo, aliás, está intimamente associado no Brasil ao sentido brasileiro da cultura e favorece a tendência nacionalizante. *O peregrino da América* é um fiel espelho dos costumes, do ambiente social, político e cultural, do sincretismo barroco, em que o espírito brasileiro começava a afirmar-se com autonomia e identidade própria.

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AFRANIO COUTINHO

